

## VIVIDO PELA CARNE

Rogério Goulart da Silva\*

### Educação Física como Terapia para Dependentes Químicos, Ação Libertadora ou Instrumento do Poder como Reforçador de Dependência

Minha tentativa: mostrar a Educação Física como praxiterapia<sup>(1)</sup>, pelo lado de dentro, pois o que se conhece, na verdade, é muito pouco, apenas o lado de fora.

Minha história: o fato de ter adquirido, em cinco anos de trabalho, como *praxiterapeuta*, em instituições que "tratam" de problemas da dependência química do homem (alcoolicismo e outras drogas), uma certa experiência e um aglomerado de dúvidas em relação a dinâmica de uma comunidade terapêutica, fez com que eu procurasse compreender mais profundamente esse campo de atuação da Educação Física. A procura, um tanto exaustiva, de aclarar as relações entre o esporte (em sua prática

tradicional) e o seu uso no problemático contexto das instituições terapêuticas, fez-me perceber o esporte sendo praticado conforme as determinações das leis e dos valores capitalistas (sobrepujança, segregação, acumulação) e quando a serviço das finalidades institucionais, apenas serve como um reforçador do disciplinamento corporal, ou seja, como produtor de corpos sujeitados e submissos.

Minha hipótese: o corpo da pessoa é sua principal referência no mundo, por isso, é nele que vão investir e operar as técnicas de (re) modelação ao sistema social vigente. A partir desta constatação, fica claro que a prática esportiva, em suas formas tradicionais, é uma técnica de remodela-

---

\* Prof. Rede Estadual/Municipal/Curitiba.

ção ao sistema (embora não seja a única) e serve, primordialmente, ao disciplinamento. Este pode ser entendido como uma tecnologia de poder, produtora de uma **arte do corpo humano** que o torna tanto mais obediente, quanto mais útil e vice-versa.

Forja-se com o disciplinamento uma política e múltiplas estratégias de coerções ao corpo onde: ...” o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha e o recompõe (...) A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui estas mesmas forças (em termos políticos de obediência). ( Foucault, 1991, p. 127).

Meu questionamento: ao interpretar, desta forma, a atuação da maioria dos profissionais que trabalham nesta área da Educação Física, não estou querendo subtrair nem desmerecer a importância da presença e da atuação destes nas instituições terapêuticas. A questão que coloco, também, não é, propriamente, descartar a Educação Física das clínicas e dos hospitais de tratamento de dependentes químicos como algo totalmente indesejável, cujo único propósito seria promover, no bojo dos interesses da indústria do corpo, da saúde e do serviço médico, os valores da sociedade industrial-burocrática. A questão que coloco é: a Educação Física pode contribuir de modo concreto, para a “libertação” pessoal do dependente químico que procura ajuda em instituições especializadas, construindo com ele um espaço mate-

rial/mental de maior independência em relação aos interesses imediatos (ou longínquos) da sociedade em que vive, à qual deve adaptar-se ou “servir”?

Esse questionamento implica, necessariamente, considerar que o objeto da Educação Física, o corpo humano (melhor dizer **ser humano**), envolve aspectos subjetivos, simbólicos e sociais se o que se quer é uma apreensão plena da realidade a estudar. Creio, por isso que, para lidar com tão complexo problema da vida humana, é preciso fazer uma viagem bastante cautelosa ao campo da ciência que embasa a ação terapêutica das instituições que tratam dos dependentes de drogas. Além disso, é necessário, igualmente, compreender a trajetória que a sociedade percorreu no passado e na qual caminha ainda hoje, embasada na disciplina, na autoridade, na obediência e demais valores de servidão capitalista, em nome do alcançar a felicidade e harmonia. Acredito que, a partir desses valores, não será possível jamais encontrar nem a felicidade (harmonia pessoal) nem a harmonia (felicidade coletiva).

Esta convicção funda-se na observação do que se faz, por exemplo, com as crianças desde o nascimento. A criança é pura possibilidade de afeto, ela está aberta para todas as multiplicidades do mundo. Mas torna-se prisioneira, a partir do nascimento, do círculo papai-mamãe-Édipo da família nuclear capitalista. A primeira doença que se inocula na criança é Édipo, seu pecado original ?

Sentimentos parricidas e incestuosos são lidos nela, o que leva a que seja tratada como ameaçadora porque “naturalmente” má. Em nome da sua maldade intrínseca, que precisa ser combatida, é indispensável educá-la, controlá-la, transformá-la de perigo social em bem social o mais breve possível. Institui-se, assim, aquilo que Donzelot (apud. Fuganti, 1990, p.66) denomina de a polícia das famílias, quando se refere ao poder externo que se exerce sobre o grupo familiar:

*“O setor social com suas assistentes, seus conselheiros, , seus notáveis filantrópicos, que estão em conexão direta com a máquina política do Estado, da escola, das creches, da Igreja, da medicina, da instituição jurídica. Toda essa parafernália procura envolver a criança numa rede de produção da subjetividade introjetando valores, fixando nela atributos incorporais, determinando funções, com o objetivo de construir uma alma submissa e um corpo docilizado a serviço dos interesses em jogo. De fato, é próprio da sociedade moderna a invenção dos dispositivos os mais sutis com a função de produzirem almas e corpos disciplinados e controláveis.”*

Refletindo sobre a fala de Donzelot, surge a idéia de, no exercício das funções de professor de Educação Física (na escola) e de praxiterapeuta (na clínica para “recuperação” de toxicônomos), ousar desvendar e compreender, através de observação e estudo de ambos os contextos, o trajeto que leva de um (a escola) a outro (a clínica). Trajeto

criminoso, imposto à criança<sup>(2)</sup> pelo contexto da escola visando a sua inserção no sistema produtivo, e que consiste em intoxicá-la com saberes, fazeres e deveres de adaptação, até que ela aprenda como saída para resolver seus problemas, mesmo, os mais íntimos, apenas mecanismos destrutivos (dependência) externos e/ou internos.

## Por que comparar a clínica com a escola?

Minha resposta: porque a maior parte das pessoas que passam pelas instituições recuperadoras (no caso, a clínica para dependentes químicos) já esteve sentada nos bancos escolares. Acredito que muitos daqueles que frequentam, hoje, as escolas, certamente têm destino marcado para morrer na alienação social enlouquecedora e imbecilizadora.

Defendo a idéia de que a escola, nos moldes como ela se apresenta hoje, apenas organiza um pequeno grupo de pessoas para a disputa de fatias diferenciadas do mercado de trabalho (cuja estratégia de aproveitamento humano é maldosa) ao mesmo tempo em que, completamente, induz a maioria para o abismo da ignorância dos acontecimentos e da mortificação do próprio ser, sem condições de resolver suas necessidades mais básicas: alimento, abrigo, proteção do corpo ante as intempéries. Cabe salientar que a *primeira causa de morte no mundo ainda é a fome*.

Portanto, aqueles que não se adaptam completamente à intoxica-

ção normalizadora imposta pela escola e demais instituições educativas e/ou outras máquinas de morte, aqueles que procurarem escapar das dependências institucionais pelo uso "abusivo" de drogas lícitas ou pelo uso "desautorizado" das drogas ilícitas<sup>(4)</sup>, aqueles que são rotulados como quimicamente "dependentes", na maioria das vezes são acolhidos pelas instituições recuperadoras. Estas, em nome de "boas intenções" e calcadas no discurso capitalista defensor dos direitos humanos (direito à saúde, por exemplo), mas defensor, também, da responsabilidade individual sobre os próprios atos (a culpa do viciado pelo vício/doença), procurarão transformar os "desadaptados" em normalizados ao convívio "sadio" e "harmônico" do sistema de produção capitalista.

Acredito na verdade da fala de Fuganti (1990, p.67) quando diz que:

*"Seria interessante um grande avanço se perdêssemos a ilusão com a educação, pelo menos com os tipos de práticas pedagógicas instituídas em nossa sociedade. Me parece evidente que a educação é uma peça chave na máquina de morte montada pelo conjunto de saberes do ocidente.*

*Porque se a educação fosse uma prática para tornar os espíritos livres, não estaria centrada na obediência, mas no pensamento."*

No seu modo de analisar, Fuganti afirma que a escola traz consigo uma sentença de morte, e eu, no meu jeito de perceber, concebo as clínicas e demais instituições "recuperadoras"

como o funil mortificador do ser, na medida em que ressuscitam' e remodelam alguns mortos-vivos e terminam de sacrificar outros (disparando o tiro de misericórdia), com um gostinho facista encoberto por um ideal sanitário, higienista e moralista.

Imperam no mundo dos asilos (das instituições recuperadoras), os valores do isolamento íntimo e da mortificação da individualidade. Cooper (1982, p.50), ao afirmar isso, apoiou-se na obra de Claude Levi Strauss - *Tristes Tropiques* (1955) onde acentua o caráter destrutivo da "recuperação" institucional.

O autor descreve o asilo como verdadeiro holocausto da sociedade moderna, rompendo a cortina do falso discurso dos direitos humanos, em especial, o da saúde coletiva. Afirma que existem sociedades que engolem os indivíduos (chamadas antropofágicas) e aquelas que vomitam os indivíduos (antropoêmicas). Vemos pois, a transição do engolfamento medieval da criança-pessoa na comunidade, uma modalidade de aceitação assimilatória que remonta ao canibalismo ritualístico nas sociedades primitivas, nas quais o ritual capacitava o indivíduo a aceitar o inaceitável - particularmente a morte - , para a moderna sociedade antropoêmica, que expele de si tudo o que não se submete às suas regras de jogo arduamente inventadas. Nesta base, tal sociedade exclui fatos, teorias, atitudes e homens - homens da classe má, da sexualidade má, da mentalidade má. No hospital psiquiátrico, a despeito da proclamação de progresso, a

sociedade consegue o melhor de ambos os mundos - a pessoa, que é "vomitada" para fora de sua família, para fora da sociedade, é engolfada pelo hospital e, então dirigida e metabolizada, fora da existência como pessoa identificável. Isso pode ser encarado como violência.

## Onde Estão os Afetos do Corpo?

Ao longo do desenvolvimento do capitalismo, o corpo humano tem servido como instrumento e objeto de uso descartável. O corpo é de vital importância na existência do ser no mundo: ele realiza interações sociais na busca da satisfação das suas mais variadas necessidades. Por esta razão é que nele, no corpo, o poder investe sistematicamente para torná-lo dependente da sociedade capitalista. "O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia. Mas começa no corpo. Foi no biológico, no corporal que, antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina, uma estratégia bio-política" (Foucault, 1989, p.80).

Para maior clareza a respeito do que afirma o autor acima, é necessário compreender as relações intrínsecas entre o desenvolvimento humano, o pensamento médico tradicional, a história do movimento humano e a forma como as instituições funcionam para sustentar o modo de produção e poder entre os homens.

No decorrer da história, o desenvolvimento humano traz consigo uma forte concepção mecanicista de vida. Dentro dessa concepção se enquadra, também, o desenvolvimento das ciências médicas e sua visão de corpo.

A influência da filosofia de Descartes sobre o pensamento médico faz com que o corpo humano seja considerado como uma máquina que pode ser analisada ao nível de funcionamento de suas peças. O paradigma cartesiano, com sua rigorosa divisão entre corpo e mente, leva os médicos a se concentrarem na máquina corporal e a negligenciarem os aspectos psicológicos, sociológicos e ambientais da doença.

*"O pensamento cartesiano dividiu a profissão médica em dois campos distintos com muito pouca comunicação entre si. Os médicos ocupam-se do tratamento do corpo, os psiquiatras e psicólogos, da cura da mente"*  
(Capra, 1982, p. 13).

A medicina psiquiatria, por sua vez, obedece, na maioria dos casos, à raiz determinista que as outras áreas médicas impõem ao corpo, submetendo, assim, o indivíduo aos modelos de "normalidade" construídos pela sociedade para o seu bom funcionamento.

*"Quando lemos em registros de admissão hospitalar que as mulheres eram comumente admitidas nas enfermarias, nos séc. XVIII e XIX, sofrendo de histeria, quase sempre não está claro o que precisamente, se é que havia algo, estava fisicamente*

*errado; elas podiam ter experimentado paralisia parcial, somática ou psicossomática; podiam, sobretudo ter estado sobre carregadas de trabalho ou subalimentadas. Isso pode provar um exemplo em que o rótulo da doença serviu como pouco mais que uma senha administrativa para assegurar a admissão. Seria um empreendimento arriscado esperar que nossos registros médicos nos proporcionasse uma história das doenças confiável, objetiva e epidemiológica''*  
(Burke, 1992, p. 29).

As instituições médicas tratam do corpo, mas não estudam sua historicidade. Em sua história, o corpo tem uma linguagem, uma expressão, gestos e apropriação do espaço físico, aquilo que Golffman (1987) chamou de **apresentação do ser**. No entanto, a busca da história do corpo não é somente uma questão de estruturar as estatísticas vitais sobre o físico, nem apenas um conjunto de métodos para a decodificação das "representações". É, antes, um chamado para a compreensão da ação recíproca entre os dois.

*"No mundo, quando surpreendemos o olhar superior do rico sobre o pobre, este gesto era tanto físico quanto simbólico; os 'nobres' eram tipicamente centímetros mais altos - uma vantagem ainda aumentada pelos trajes imponentes, vestuários e adereço - com que se permitiam adornar seus corpos''*  
(Burke, 1992, p. 301).

Por outro lado, a Educação Física representa, no interior da maioria

das comunidades terapêuticas, sinônimo de saúde física, por estabelecer entre ambas ( Educação Física e Saúde) uma relação de causa e efeito. Assim, a disposição e o rigor do profissional da praxiterapia devem representar, para os doentes internos, o lado bom da vida, o instrumento recuperador físico, legitimando a instituição como aparelho capaz de *proporcionar* não somente sofrimento, dor, tortura (a abstinência ao uso das drogas, as regras de conduta e de funcionamento autoritárias, o tratamento médico imposto) mas, em meio a essas *necessidades* terapêuticas, *proporcionar* também momentos de satisfação, prazer e alegria em busca da *cura* desejada (ou não) pelo *doente*.

Esta constatação leva-me a repensar toda uma prática terapêutica, na tentativa de compreender melhor o que pode representar, no espaço institucional de enclausuramento do dependente químico, a Educação Física trabalhada numa outra perspectiva que não a do narcisismo, da sobrepujança, do ideal mítico de poder e conquista através do próprio esforço, ou disciplinamento por (e da sujeição a) quem detém o saber.

A praxiterapia pode seguir uma outra via: a de possibilitar às pessoas perceberem, através de suas vivências, toda a sistemática institucional operacionalizada nos exercícios e imposta ao seu corpo e, com isso, talvez, abrir uma porta para caminhos onde, do prazer e do gosto pelo movimento espontâneo, brotem ações que sejam, em si mesmas, alguma forma de libertação.

Porém, para atingir este nível de experiência humana, é preciso caminhar muito e reconhecer os *pedaços* capitalistas que existem em nós, reconhecendo com isso (e procurando desconstruir) toda a culpa que em nós foi produzida desde a infância e que regula, com mão de ferro, as relações sociais, fazendo com que tenhamos sempre muito medo de que *as coisas* (os vínculos afetivos, profissionais, domésticos, etc.) acabem. É exatamente esse medo que produz a institucionalização de todos os aspectos de nossa vida. O medo inventa a instituição. A instituição re-inventa, aumentando o medo.

O homem se imagina muito inteiro, uno e idêntico - vê-se como indivíduo e luta por sua identidade. Não se dá conta de sua multiplicidade - ele se constitui de pedaços capitalistas, pedaços proletários, pedaços pequeno-burgueses, pedaços marginais. A sua **identidade** é sempre calcada na escolha do pedaço que vai *vingar* em detrimento de todos os outros, que deverão *gorar*. Mas essa escolha é fictícia se os *pedaços gorados* forem considerados como não mais existentes. Por exemplo: ao nível dos interesses de classe podemos nos afirmar proletários, mas ao nível dos desejos e de fabricar relações, quem nos garante que não vingam aí o capitalista, proletário, autoritário, racista, e que **não desejamos ser ou ter chefes**, a despeito do nosso discurso contra a exploração?

É que o homem se sabe incapaz de sobreviver sem os outros, mas isso

não o faz solidário com o grupo (a solidariedade pressupõe vínculos de amizade e amor), torna-o dependente das instituições (a dependência pressupõe vínculos de medo e de culpa). Eis aí a origem e, ao mesmo tempo, o resultado do medo humano - o medo de fracassar, o medo de enlouquecer, o medo de perder o *seu* lugar, em suma, o medo de “despedaçar” liga o homem às instituições de forma perfeita para o funcionamento de uma sociedade onde a produção de bens e de serviços é posterior à produção da **necessidades** desses bens e desses serviços.

E mais: esse medo de “despedaçar” (que inclui o medo da própria multiplicidade, ensinada a ser sentida como algo mau) faz com que o homem não desgrude do outro (homem, objeto, instituição, relação), mesmo quando esse grudar não tem mais sentido (alegria, prazer, gosto). Não custa repetir: o medo inventa a instituição. A instituição re-inventa, aumentando o medo.

Para encarar de frente esse medo é preciso, antes de mais nada, compreender que ele não faz parte de uma pretensa *natureza humana*, mas que é fabricado como subjetividade (a subjetividade capitalista) e intensificado por táticas de dominação em que as regras de conduta, os modelos de normalidade, as idéias de doença, tratamento, cura e as práticas educativas da família e da escola são exemplos práticos, embora não sejam os únicos.

## Uma Nova Experiência do Corpo

É a praxiterapia um elemento de libertação? Puro engodo, é preciso eliminá-la, bem como as outras práticas institucionais vistas como fatores de libertação, pois não existe gente para ser libertada. A existência da praxiterapia como proposta de libertação pressupõe a sua ação *redentora* sobre alguém que foi aprisionado. Será mais interessante perguntar a quem serve o discurso institucional da libertação, bem como analisar de que modo esse discurso funciona, sustentando terapias médicas e para-médicas no processo de enclausular, para tratamento, os **desvios** comportamentais da normalidade.

Se a Educação Física deseja oferecer-se como verdadeiro prazer lúdico, respeitando seus participantes como seres capazes das mais diversas manifestações, sem culpas e/ou medos, ela necessitará, primeiro, que se modifique o pensamento dominante nas ciências em geral. Só a partir daí ela poderá, ao se repensar e se reconstruir, ser uma vivência das pessoas, sejam elas *dependentes químicas* ou não, capaz de constituir-se como resistência ao poder da máquina que vomita-engole singularidades para produzir estereótipos.

Destruir a dicotomia corpo-mente, questionar as idéias de saúde e doença, ver as necessidades *humanas*, hoje, como fabricações históricas e não como elementos constitutivos do ser humano, são trabalhos que se *impõe* a quem deseja,

num salto, dar a guinada rumo a uma outra relação com o corpo. Objeto aprisionado pela Educação Física (embora não apenas por ela), poderia o corpo lançar-se na experiência de inventar multiplicidade e pluralidades de ser, sem amarras a rótulos e modelos?

Esse é o desafio a enfrentar, fruto da aposta que faço. Porque sem receitas e prescrições, o caminho é longo. Mas não impossível...

### Notas:

- <sup>01</sup> Técnica de tratamento usada, em geral, com doentes crônicos internados, e que consiste na utilização terapêutica do trabalho, distribuindo-se aos pacientes tarefas de complexidade crescente (Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).
- <sup>02</sup> Vale ressaltar que a criança não entra na escola como "tábula rasa", mas com suas possibilidades de afeto já alteradas pelos valores da família capitalista, seja qual for sua classe social de origem.
- <sup>03</sup> Para a moderna medicina científica, consideram-se drogas legais (lícitas), bebidas alcóolicas, cigarros e similares, assim como drogas liberadas para a venda ao consumo em farmácias e drogarias.
- <sup>04</sup> Drogas Ilícitas, para o Conselho de Medicina, são aquelas cujo uso, além de não ser regulamentado pela indústria farmacêutica, *causam* problemas a nível individual e social. São elas: a maconha, cocaína, heroína e demais drogas sem a aprovação médica, moral ou religiosa.

## Referências Bibliográficas

- BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CODO, Wanderley et. al. *O que é corpolatria*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COOPER, David. *Psiquiatria e antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- MACHADO, Roberto et. al. *Danação da norma - medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MASUR, Jandira. *O que é alcoolismo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O que é toxicomania*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MEDINA, João Paulo S. *O brasileiro e seu corpo*. Campinas: Papyrus, 1987.
- SOARES, Carmem Lúcia. *O pensamento médico higienista e a educação física no Brasil - 1850-1930*. (Dissertação de Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.
- SZASZ, Thomas. *Ideologia e doença mental*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1980.

~~1990 Regina Dantoni de Oliveira~~